

A criança e a fé raciocinada

OSÉ CARLOS DA SILVA SILVEIRA

“FÉ INABALAVEL SÓ O É A QUE pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.” Estas palavras de Allan Kardec merecem meditadas por todos nós que nos dedicamos ao ensino do Espiritismo. Com efeito, é preciso ter em mente que alguém só se torna espírita pela conscientização dos postulados da Doutrina, o que se verifica através do raciocínio e da vivência evangélica. Já se foram os tempos em que os ensinamentos espirituais eram aceitos sem passar pelo crivo da razão. Hoje, dificilmente se acata uma verdade porque outros acreditam nela, mas sim porque se raciocinou sobre os seus fundamentos e se concluiu pela sua autenticidade. A fé, portanto, está deixando de ser cega para ser raciocinada.

Sendo assim, e considerando ainda a fundamental importância do ensino da Doutrina Espírita às novas gerações, para edificação de um mundo melhor, não poderemos deixar de enfrentar, em nosso trabalho de divulgação doutrinária, a problemática da construção da fé no espírito infantil.

A questão é complexa, mas poderemos buscar na Doutrina Espírita e nas mais recentes descobertas da Psicologia algumas noções que nos ajudem a dar os primeiros passos na elucidação do problema.

Ensina o Espiritismo que a criança é um Espírito reencarnante, cuja livre manifestação da inteligência é impedida pela debilidade dos órgãos materiais. Esta inteligência, limitada nos primeiros anos de vida da criança, vai-se ampliando com o desenvolvimento dos órgãos físicos. A infância é, portanto, o despertar do Espírito para a consciência da vida corpórea. Por este motivo, a criança torna-se mais acessível do que o adulto ao recebimento das impressões do mundo exterior. Entretanto, seus pensamentos e atitudes não são meros reflexos do meio ambiente, uma vez que reage às solicitações externas de acordo com o acervo espiritual trazido do pretérito e com o grau atingido pelo processo reencarnatório. Assim, a criança é um ser em expansão, impulsionado pela individualidade eterna, que vibra e se integra, paulatinamente, em sua nova personalidade humana.

A Psicologia, principalmente a partir da obra de Piaget (1), tende a confirmar — embora de forma indireta, presa como se encontra ao materialismo, que ainda inspira a ciência oficial — a concepção espírita da criança. Assim é que, segundo Piaget, a criança não é um ser passivo, que tem no ambiente a origem da linguagem e do pensamento. Ao contrário, é um sistema autônomo, regulado por princípios internos, que, além de manter-lhe a individualidade do organismo, regem as interações deste com os acontecimentos do meio. Esses princípios regulam, especificamente, a

relação entre o funcionamento do organismo e as estruturas (2). Tais estruturas mudam sistematicamente, tornando-se cada vez mais amplas, móveis e estáveis, através de uma relação ativa com o meio, o que provoca o desenvolvimento da inteligência da criança. São elas o fundamento da aprendizagem, uma vez que esta só é possível quando existe uma estrutura interior prévia proporcionando a capacidade de aprender e a estruturação do processo de aprendizagem.

Em linguagem espírita, poderíamos dizer: à medida que se consolida o processo reencarnatório, sob a impulsão do Espírito, mais o corpo humano se aparelha, através do desenvolvimento dos seus órgãos, para servir de instrumento às manifestações do ser espiritual. O aprimoramento dos órgãos físicos propicia ao Espírito a tomada de consciência do mundo material que o cerca (aprendizagem). Por outro lado, a influência do ambiente físico estimula o desenvolvimento dos órgãos materiais, auxiliando o ser espiritual a se integrar, pouco a pouco, em seu novo estado.

Consoante a teoria de Piaget, a inteligência existe desde o nascimento da criança. Não obstante, até aos dois anos é inteiramente prática, não sendo ainda capaz de representação ou pensamento. A partir desta idade, porém, com a aquisição da função simbólica, a inteligência já se prolonga em pensamento, mas este é ainda “egocêntrico”, ou seja, centrado nas experiências pessoais e na perspectiva da criança. Após os seis ou sete anos, entretanto, quando se inicia a fase das operações (3) concretas, o pensamento vai-se tornando cada vez mais estável e objetivo, até chegar, na idade dos onze anos, aproximadamente, ao seu estágio de abstração.

Assim, por volta dos seis ou sete anos, a criança passa a raciocinar com base nas experiências pessoais, transcendendo-as — o que denota um início de reflexão —, tornando-se suscetível (poderemos dizer) de ir adquirindo a fé raciocinada. Tal entendimento, aliás, encontra apoio na assertiva doutrinária de que, por volta dos sete anos do corpo físico, o Espírito completa a fase de adaptação ao seu novo invólucro carnal, estando apto, a partir daí, a manipular com maior liberdade os órgãos materiais.

A Psicologia Genética do Conhecimento, de Piaget, tem contribuído decisivamente, nos dias que correm, para enriquecer a Pedagogia, incentivando a busca de novos rumos para a educação, no sentido de formar indivíduos criativos, capacitados ao raciocínio e ao julgamento crítico (o que é essencial para aquisição da fé raciocinada). É de se notar ainda que, ao buscar no passado as raízes dos processos pedagógicos novos, Piaget as encontra em Sócrates — com sua maiêutica — e mais tarde em Rousseau. Contudo, é em

(1) Jean Piaget: Psicólogo e pedagogo suíço. Criador da Psicologia Genética do Conhecimento. Autor de importantes trabalhos sobre o desenvolvimento da atividade mental da criança. Diretor do Instituto Jean-Jacques Rousseau, criado em 1912 por Édouard Claparède, em Genebra, Suíça.

(2) Estrutura: “A forma geral, a intercorrelação das partes dentro de uma totalidade organizada. Muitas vezes se pode usar o termo estrutura no lugar de organização, sistema, forma, coordenação.” (“Piaget na Sala de Aula”, Hans G. Furth, 2ª ed. brasileira, pág. 227.)

(3) Operação: “Ação generalizável característica interiorizada da inteligência madura.” (Idem, pág. 229.)

«ESTOU EM PAZ!»

A DESPEDIDA DE UM JUIZ

Indalício MENDES

QUANTO MAIS PROFUNDA A CONSCIÊNCIA do homem acerca da importância da vida, tanto mais ele poderá mostrar-se compreensivo, paciente, tolerante e amigo dos outros homens e demais seres. Todos sabemos que a experiência conseguida no curso da existência é sólida, porque, geralmente, reclama do homem o máximo de sua capacidade de assimilação. Ele aprende, por natural instinto de defesa, a precaver-se contra tudo quanto lhe haja ferido mais intimamente o ser. Mas há o inconveniente de lhe propor-

Pestalozzi — o inolvidável mestre do Codificador da Doutrina Espírita — e depois em Claparède, com sua concepção funcional da educação, que tais processos vão adquirindo sua feição atual, uma vez que já se vislumbram aí as idéias de atividade, de observação e de controle características da metodologia das Escolas Novas. Não poderíamos, todavia, falar em métodos de ensino sem nos lembrarmos do Cristo, cuja metodologia vai revivendo na Pedagogia moderna:

"Lendo-se os evangelhos, à luz da moderna psicologia, logo se apercebe a profunda conformação dos métodos às técnicas que a ciência começa a descobrir como naturais para a aprendizagem. Jesus-Cristo foi um pedagogo nato, conseguindo colocar situações cuja análise não se esgotou nos séculos que decorrem de sua pregação." ("A Escola no Futuro", Lauro de Oliveira Lima, 2.^a edição, pág. 220.)

Observando-se os passos decisivos da Psicologia e da Pedagogia no sentido de uma valorização crescente do ser humano, agiganta-se a responsabilidade do espírita no capítulo da sementeira evangélica nas mentes infantis. Não se poderá mais evangelizar nos moldes da escola tradicional, em que o professor era um simples transmissor de conhecimentos, enquanto o aluno o ser passivo que tudo recebia e armazenava. Novas descobertas da Psicologia, confirmando a Doutrina Espírita, apresentam a criança como um ser autônomo, que interage com o meio. O professor não é somente aquele que apenas transmite conhecimentos, mas quem estimula a criança a aprender. Investigações científicas do nosso século demonstraram a capacidade da mente infantil para elaborar seus próprios conceitos, para criar, para descobrir, o que, para o evangelizador, significa que a criança é capaz de raciocinar sobre suas experiências no campo moral e, por conseguinte, de ir construindo as bases da fé raciocinada que a norteará no futuro. Portanto, é preciso aprender a semear. Os instrumentos de trabalho se encontram ao alcance de nossas mãos. Resta-nos buscá-los e aplicá-los, com discernimento, na disseminação das verdades eternas, oferecendo à criança a oportunidade de crescer em Cristo para ser feliz.

cionar o dever da escolha entre os dois caminhos que se abrem a seu olhos: um, o de prosseguir lutando bravamente, sem se deixar envolver pelas seduções marginais; outro, o que lhe acena com facilidades perigosas, que lhe podem comprometer o futuro.

Emérito e saudoso mestre de Direito escreveu que "a sociedade é a grande retorta onde se modelam os caracteres humanos, o grande artífice de todos os santos e bandidos da história". Grande verdade está dita nessas poucas linhas, das quais se pode deduzir que, até certo ponto, e de uma dada maneira, pode o homem ser produto do meio em que vive. Pode-se também aceitar, em princípio, que o homem se marginaliza quase sempre que não se adapta a esse meio, estabelecendo, assim, uma situação conflitante, capaz de fazer malograr as intenções de que estiver possuído, justamente porque se insurge contra uma lei comum dos conglomerados humanos: a lei de continuidade dinâmica. Uma vez truncada essa continuidade, ocorrência que podemos imaginar como uma espécie de "curto-circuito" nas relações entre o indivíduo e a coletividade a que pertence, urge a intervenção de uma providência acauteladora, para que o incidente não tenha repercussões maiores e mais desagradáveis. Estabelece-se, dessa forma, o confronto entre o Direito e a Justiça. Valendo-nos da palavra de um dos mais conspícuos escritores espíritas, Rodolfo Calligaris, permitimo-nos extrair de seu excelente livro "As Leis Morais", cap. Direito e Justiça, edição da FEB, os seguintes trechos:

"Direito e Justiça deveriam ser sinônimos perfeitos, ou seja, deveriam expressar a mesma virtude, pois, se aquele significa "o que é justo", esta se traduz por "conformidade com o direito". Lamentavelmente, porém, aqui na Terra, Direito e Justiça nem sempre se correspondem, porque, ignorando ou desprezando a Lei de Deus, outorgada para a felicidade universal, a justiça humana há feito leis prescrevendo como direitos umas tantas práticas que favorecem apenas os ricos e poderosos, em detrimento dos pobres e dos fracos, o que implica tremenda iniquidade, assim como há concedido a alguns certas prerrogativas que de forma nenhuma poderiam ser generalizadas, constituindo-se, por conseguinte, em privilégios, quando se sabe que todo privilégio é contrário ao direito comum."

E menciona: "Em todos os tempos e sob o império de todas as crenças — comenta Kardec ("O Livro dos Espíritos", cap. XI, Questão 876) —, sempre o homem se esforçou para que prevalecesse o seu direito pessoal. A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo."

Aí está a interpretação verdadeira dada por Jesus, superando a jurisprudência terrena, ao enunciar esta máxima imortal: "Tudo o que vós quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles" (Mateus, 7:12). Se, ao pensarmos no nosso direito, pensarmos também no direito do próximo, compreenderemos que nem sempre o nosso direito é tão nosso quanto supomos. Tanto assim é que, frisa Calligaris, "Respondemos com as vozes do Alto: "Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde os de condição mais humilde até os de posição mais elevada. Deus não fez uns de limo mais puro do que o de que se serviu para fazer os outros, e todos, aos seus olhos, são iguais. Esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições. Demais, cada um sente bem a sua força ou

a sua fraqueza e saberá sempre ter uma certa deferência para com os que o mereçam por suas virtudes e sabedoria. É importante acentuar isto, para que os que se julgam superiores conheçam seus deveres, a fim de merecer essas deferências. A subordinação não se achará comprometida, quando a autoridade for deferida à sabedoria." (Allan Kardec, ob. cit., Questão 878, "a".)

E chega então Calligaris à conclusão referida nas primeiras linhas deste artigo: "A medida que os homens progridem em moralidade, melhores concepções vão tendo acerca de tudo, de sorte que, quando o Cristianismo se haja implantado, de verdade, em cada nação, o Direito e a Justiça confundir-se-ão finalmente, fundamentando-se numa só norma: "ama a teu próximo como a ti mesmo", pois em tal consiste "toda a Lei e os Profetas" ("As Leis Morais", cap. Direito e Justiça).

Sendo a Terra uma escola, um reformatório, devemos procurar melhorar a nossa condição moral, se é que pretendemos evitar maiores contratempos na trajetória pelo mundo físico. Por isto, concordamos seja a sociedade, de fato, uma "grande retorta onde se modelam os caracteres humanos". Os trabalhos, os êxitos ou insucessos, a diversidade de condição social e econômica, são inerentes à vida terrena e determinam, segundo a condição cármica de cada um, dentro do admissível exercício do livre-arbítrio, a natureza e a extensão de suas compensações ou vicissitudes.

A Justiça humana, evidentemente, não pode ser equiparada à Justiça Divina, pois esta não se limita à ação do homem na Terra, visto acompanhá-lo desde que ele, como Espírito, ou alma desencarnada, atua no plano espiritual. Pode, assim, ter uma visão completa e segura do grau de moralidade, de nível mental e intelectual, do ser que realiza periódicas estadas no mundo corpóreo, retornando ao Espaço para elucidações e outras providências que lhe possam ser úteis ao reencarnar. Nem sempre, no entanto, uma vez na crosta planetária, segue as instruções recebidas e recai no erro, agravando sua situação e provocando as sanções que o acabrunham, atribuindo sua sorte à sociedade a que pertence e a companheiros de jornada terrena.

Foi para concretizar no coração do homem a imagem da Justiça que o Alto, por intermédio de Moisés (Êxodo, XX:1-17), revelou ao mundo o Decálogo, que estatuiu, já naqueles recuados tempos, os fundamentos da *educação moral* da Humanidade. Mas o homem, tangido pela ambição e aculeado pelo egoísmo, sobrepôs a ela os interesses mais rasteiros, conspurcando, ainda, com o fanatismo personalista a pureza do ensinamento recebido. Emmanuel realça: "... o mundo era um imenso rebanho desgarrado. Cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidades, salientando-se que muitos cultos religiosos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade", como, aduzimos nós, hoje está, dolorosamente, acontecendo de novo.

Diante do espetáculo desalentador, Jesus veio à Terra. "Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando às criaturas terrestres que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis humanas. Sua palavra profunda, enérgica e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, aclarou o caminho das ciências e já teria irmanado todas as religiões da Terra,

se a impiedade dos homens não fizesse valer o peso da iniquidade na balança da redenção" (Emmanuel — "A Caminho da Luz", cap. XII, ed. FEB).

Teimosamente, o homem reincidiu e reincide no erro. Isto quer dizer que se multiplicam os sofrimentos humanos e a Terra continuará ainda a espelhar a confusão, a anarquia, os desentendimentos, causas de tantas lágrimas e de tanto sangue derramado pelos que não crêem em Deus, pelos que se dizem crentes, mas não ratificam as palavras com os atos que praticam.

Ninguém pode alegar o desconhecimento da Lei Divina, principalmente depois que o Cristo, suportando todas as agruras conseqüentes das vibrações inferiores do plano denso do planeta, veio trazer de viva voz o seu Evangelho, onde se encontra, com fulgores extraordinários, a jurisprudência do amor e da paz! "A pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, porque, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos, a treva voltou a assediar o coração das criaturas. Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé, adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada", elucida o mesmo Emmanuel.

Então, Jesus tornou possível a vinda do Consolador prometido, o Espiritismo, para que, através de paciente trabalho doutrinário à luz do Evangelho, possa o homem, a pouco e pouco, senhorear-se dos ensinamentos espirituais, porque seu destino está em suas próprias mãos. E o Espiritismo, defrontando dificuldades gigantes, está cumprindo sua alta e gloriosa destinação sócio-evangélica. E prosseguirá, porque não há obstáculos invencíveis para ele, que está com Jesus e trabalha para Jesus, sob a orientação sublime de Ismael.

Kardec foi escolhido para transformar a Terra no novo Instituto Educacional, segundo a expressão de Calligaris: "Um instituto de educação, com seus vários cursos: jardim de infância, primário, ginásio, colégio, normal, etc., constitui símile perfeito do que seja a Terra para os Espíritos que aqui se encarnam e reencarnam para realizarem uma parte de sua evolução" ("As Leis Morais", cap. Terra — Instituto Educacional).

Nessa tarefa ciclópica, que se desenvolve em todos os setores da atividade humana, muitos resultados magníficos têm sido obtidos. Já há uma legião de criaturas humanas consciente do que é a vida, do que representa nela o sofrimento, que tanto existe e perdura, como pode ser suavizado e extinto. A lição do Cristo, através do Espiritismo, é a que está no Evangelho, porque Espiritismo Cristão é Evangelho, pois nele se inspirou, dele se formou e com ele atua. Compreendemos a importância das leis humanas, mais compatíveis com as atuais necessidades da Terra, sujeitas, porém, a constante evolução. Se os homens têm a sorte que merecem, deles depende o aperfeiçoamento das próprias leis, que se tornarão progressivamente mais brandas, à proporção que a Humanidade se for modificando para melhor.

A Justiça terrena vai-se cristianizando paulatinamente. E isto é de fácil verificação. Seu progresso, entretanto, dependerá do adiantamento moral do homem. Não obstante, quantos juizes magníficos ela já possui, buscando, com admirável equilíbrio, forrar suas luminosas sentenças com o lídimo espírito evangélico, como,